

SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO DE CACAU: ANÁLISE DAS AÇÕES DA INDÚSTRIA DE CHOCOLATE

EDUARDO CESAR SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

educezar_muz@hotmail.com

ANGÉLICA DA SILVA AZEVEDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

angelica.soad@gmail.com

MARINA DE BARROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

marinabarros0@hotmail.com

NILMAR DIOGO DOS REIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

nilmardiogo@yahoo.com.br

Introdução

A produção de cacau está concentrada em países com um PIB per capita baixo, com pouca infraestrutura e deficiências no setor de comunicações. O setor é marcado por preços voláteis, produção concentrada em poucos países, baixa produtividade e perdas devido a pragas e doenças. Esse quadro cria barreiras para a sustentabilidade da cadeia produtiva. Para mudar essa realidade, as fabricantes de chocolate desenvolvem projetos de apoio aos pequenos produtores e aquisição de cacau certificado.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Diante do quadro de precariedade na cadeia produtiva do chocolate e as suas implicações diretas no produto e consumidor final, quais são as ações empregadas pela indústria para a promoção da sustentabilidade na cadeia produtiva? O objetivo deste trabalho foi identificar e descrever as ações e metas para aquisição de cacau sustentável e os investimentos para apoio aos produtores de cacau realizados pelas seis maiores fabricantes de chocolate do mundo.

Fundamentação Teórica

Em 1994, Elkington cunhou o termo “triple bottom line” (Casey et al., 2014). De acordo com Elkington (1998) citado por Casey et al. (2014) o desenvolvimento sustentável busca, simultaneamente, a prosperidade econômica, a qualidade ambiental e a equidade social. Nidumolu, Prahalad e Rangaswami (2009) afirmam que a sustentabilidade influencia na competitividade das empresas, que passaram a repensar seus produtos, suas tecnologias, seus processos e seus modelos de negócios.

Metodologia

A amostra de empresas foi definida a partir da lista dos 100 maiores fabricantes de chocolates e doces do mundo, compilada por Scully (2014), tendo sido analisadas as seis maiores. O estudo teve foco na identificação de ações e resultados dessas empresas referentes à sustentabilidade da cadeia produtiva do cacau. Foram analisados os relatórios de sustentabilidade das maiores fabricantes de chocolate do mundo, referentes às ações e resultados do ano fiscal 2014.

Análise dos Resultados

A análise das informações obtidas por meio dos documentos institucionais das seis maiores companhias de chocolate do mundo revela que todas elas compram cacau sustentável e todas possuem programas que auxiliam os produtores, principalmente na África. A maioria das ações envolve treinamento para o aumento da produtividade e adequação às normas de sustentabilidade, distribuição de plantas mais produtivas e resistentes, construção e reforma de escolas, entre outros.

Conclusão

Os resultados mostraram que as seis empresas compram cacau certificado, investem no treinamento dos produtores e desenvolvem projetos nas comunidades. A demanda por essas ações na cadeia do cacau é grande devido às condições socioeconômicas da maioria dos produtores. Três das companhias analisadas definiram como meta para 2020 a aquisição de 100% de cacau sustentável.

Referências Bibliográficas

CASEY, A. M., CAWTHORNE, J. E., DELONG, K., HEROLD, I. M., LIM, A. (2014). The Triple Bottom Line: Portable Applications and Best Practices for Sustainability in Academic Libraries. Focus on Educating for Sustainability: Toolkit for Academic Libraries.

NIDOMULU, R., PRAHALAD, C. K., RANGASWAMI, M. R. Why Sustainability Is Now the Key Driver of Innovation. Harvard Business Review, v. 87, n. 9, p. 27-34, set. 2009.

SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO DE CACAU: ANÁLISE DAS AÇÕES DA INDÚSTRIA DE CHOCOLATE

1. Introdução

O cacau é cultivado em países da África, América, Ásia e Oceania, sendo o continente africano o maior produtor da amêndoa, com a concentração de 65% da oferta mundial. Em 2013, os principais países produtores eram Costa do Marfim, Gana, Indonésia, Nigéria e Camarões (FAOSTAT, 2016). De acordo com a International Cocoa Organization (ICCO, 2015), a safra 2013/2014 foi de 4,37 milhões de toneladas, um aumento de 14,81% comparado à safra 2005/2006, que foi de 3,81 milhões de toneladas.

Segundo o relatório Sustainable Cocoa Economy, publicado pela ICCO (2007), a produção de cacau está concentrada em países com um PIB per capita baixo, com pouca infraestrutura e deficiências no setor de comunicações. Nesses países o cultivo é, em sua maior parte, realizado por pequenos produtores e em propriedades com tamanho de um a três hectares. O relatório também enfatiza que o setor é marcado por preços voláteis, produção concentrada em poucos países, baixa produtividade e perdas devido a pragas e doenças.

Conforme a KPMG (2012) em Costa do Marfim e Gana, os maiores produtores de cacau, a atividade recebe um baixo nível de investimentos devido à volatilidade dos preços e as altas taxas impostas aos produtores. Este baixo nível de investimentos compromete a aquisição de insumos, a formação adequada dos agricultores e a implementação de boas práticas agrícolas; o que afeta diretamente a qualidade das amêndoas.

Além das preocupações econômicas com a cadeia do cacau, existem também as preocupações sociais relacionadas ao trabalho infantil e escravo (KPMG, 2012). Segundo relatório da Universidade Tulane (2015) em 2013/2014, 2,12 milhões de crianças eram submetidas ao trabalho infantil na produção de cacau em Gana e Costa do Marfim. Destas, 2,03 milhões exerciam atividades consideradas perigosas.

Os problemas existentes na cadeia do cacau relacionados ao meio ambiente e à condições de trabalho refletem diretamente no produto final. Segundo a ICCO (2007) os consumidores exigem, cada vez mais, práticas sustentáveis para a produção de cacau e chocolate. Eles anseiam consumir produtos que proporcionem uma vida decente aos produtores, que não prejudiquem ao meio ambiente e sejam produzidos de uma forma socialmente justa.

Na tentativa de reverter este quadro e atender às demandas da sociedade por produtos fabricados de forma ética e sustentável, as empresas recorrem aos preceitos do *Triple Bottom Line*, que abrange aspectos econômicos, ambientais e sociais (JAMALI, 2006). Na produção de cacau, especificamente, a ICCO (2007) apresentou objetivos para o alcance da sustentabilidade. De acordo com a organização, no pilar econômico as atividades buscam proporcionar melhorias para os agricultores e a garantia de níveis aceitáveis de subsistência. No pilar ambiental, os objetivos estão baseados nos esforços para assegurar a preservação da biodiversidade nas áreas de produção e a adoção de práticas adequadas para o cultivo. E no pilar social são ressaltados os compromissos das indústrias com as questões sociais que afetam os produtores e a erradicação das piores formas de trabalho infantil nas fazendas.

2. Problema de Pesquisa e Objetivo

Diante do quadro de precariedade na cadeia produtiva do chocolate e as suas implicações diretas no produto e consumidor final, quais são as ações empregadas pela indústria para a promoção da sustentabilidade na cadeia produtiva?

O objetivo deste trabalho foi identificar e descrever as ações e metas para aquisição de cacau sustentável e os investimentos para apoio aos produtores de cacau realizados pelas seis

maiores fabricantes de chocolate do mundo. As informações obtidas de cada companhia também foram comparadas para identificação de padrões e diferenças entre as estratégias empregadas.

3. Revisão Bibliográfica

De acordo com Bellen (2004) as preocupações com o futuro do meio ambiente iniciaram-se a partir de uma série de desastres ambientais que marcaram a segunda metade do século XX. Segundo Hobsbawn (1995) grandes transformações tecnológicas foram desenvolvidas naquele século, desencadeando um aumento significativo na utilização de matérias primas e energia para atender as demandas da sociedade. As pressões sobre o planeta para atender as necessidades da população, juntamente com as reflexões acerca do desenvolvimento, contribuíram para o crescimento da consciência em relação aos problemas ambientais provenientes dos padrões de vida insustentáveis.

A partir da década de 1970 começaram a surgir os conceitos de desenvolvimento sustentável, influenciados pelas reflexões acima apresentadas (BELLEN, 2004). Amazonas (1998) relata que diversos trabalhos surgiram para contribuir com a chamada Questão Ambiental, entre eles o *The Limits to Growth* ou Relatório Meadows, lançado em 1972 e o *Our Common Future*, de 1987, também conhecido como Relatório Brundtland.

Em *The Limits to Growth* são apresentadas preocupações a respeito do futuro do planeta. É exposto o receio de que se os ritmos de crescimento, industrialização, poluição, produção de alimentos e utilização de recursos, observados na década de 1970, permanecessem inalterados, o planeta chegaria em seu limite de crescimento dentro de 100 anos; isto causaria um incontrolável declínio populacional e de capacidade industrial (MEADOWS et al., 1972).

O relatório *Our Common Future* (BRUNTLAND, 1987) define desenvolvimento sustentável como um processo de mudança em que a exploração de recursos, a direção dos investimentos, o desenvolvimento tecnológico e as mudanças institucionais devem estar orientados para o futuro. O desenvolvimento sustentável deve garantir que as necessidades humanas sejam supridas no presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras em suprir suas próprias necessidades.

Segundo Barbosa (2008) o relatório Brundtland destacou a importância de se encontrar novas formas de desenvolvimento que não diminuam os recursos naturais e que não causem danos ao meio ambiente, além de definir os três princípios básicos para a efetividade do desenvolvimento sustentável: desenvolvimento econômico, proteção ambiental e equidade social.

Em 1994, Elkington cunhou o termo “*triple bottom line*” (Casey et al., 2014). De acordo com Elkington (1998) citado por Casey et al. (2014) o desenvolvimento sustentável busca, simultaneamente, a prosperidade econômica, a qualidade ambiental e a equidade social. Jamali (2006) afirma que a dimensão econômica do *triple bottom line* refere-se à viabilidade financeira e engloba questões como competitividade, emprego, mercado de criação e rentabilidade a longo prazo. A dimensão ambiental, para o autor, associa-se aos impactos da organização nos sistemas naturais, incluindo ecossistemas, terra, ar e água. Já a dimensão social está relacionada aos impactos da organização sobre os sistemas sociais em que está presente e incorpora questões de saúde pública, problemas na comunidade, educação, segurança do trabalho, direitos humanos, oportunidades iguais e direitos trabalhistas.

Conforme Araújo et al. (2006) o conceito do *triple bottom line*, também conhecido como o tripé da sustentabilidade, tornou-se conhecido entre as empresas e mostrou-se como ferramenta útil para entender as relações extra-empresariais.

De acordo com Lacerda e Cândido (2013) o conceito de desenvolvimento sustentável disseminou-se por diversos setores da economia e tem recebido, cada vez mais, a atenção da

sociedade, que começou a sentir os resultados causados pelas intervenções humanas no meio ambiente. Diante disto, é necessário que o conceito de desenvolvimento sustentável deixe de ser apenas discutido e passe a ser empregado como processo de mudança social, promovendo a elevação das oportunidades da sociedade em conjunto com a eficiência econômica, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social.

Com o surgimento da consciência ambiental, o crescimento das pressões ambientais e o ideal de desenvolvimento sustentável, as empresas reconheceram a necessidade de adotar estratégias que contemplem os preceitos do tripé da sustentabilidade, equilibrando-os de forma a construir um negócio ambientalmente sustentável (ROBINSON, 2000).

Nidumolu, Prahalad e Rangaswami (2009) afirmam que a sustentabilidade influencia na competitividade das empresas, que passaram a repensar seus produtos, suas tecnologias, seus processos e seus modelos de negócios. Para Young e Young (2001) as facilidades ao acesso a informações e notícias no mundo atual pressionam as organizações para um maior cuidado em relação às suas responsabilidades sociais, ambientais e éticas. As empresas não devem preocupar-se apenas com suas próprias operações, mas também com todos os impactos associados ao ciclo de vida de seus produtos. Para tanto, é necessário que as questões voltadas à sustentabilidade sejam compreendidas e gerenciadas, também, em suas redes de abastecimento.

As pressões ambientais e sociais devem repercutir em toda a cadeia de suprimentos das empresas, tornando-as responsáveis pelo desempenho sustentável de seus fornecedores e parceiros. O público tem observado que além do produto final, a cadeia de suprimentos também precisa de observação e monitoramento (SEURING et al., 2008).

Segundo Seuring e Müller (2008) nas cadeias de abastecimento sustentáveis os critérios ambientais e sociais precisam ser cumpridos por todos os membros. Os autores também definem que para uma gestão sustentável da cadeia de suprimentos o gerenciamento dos materiais, informações, os fluxos de capitais e a cooperação entre as empresas deverão basear-se nos três princípios do desenvolvimento sustentável: econômico, ambiental e social.

De acordo com Nidumolu, Prahalad e Rangaswami (2009) grandes corporações estão oferecendo incentivos para que seus fornecedores adotem uma consciência ambiental. Os autores citam como exemplo as multinacionais Cargill e Unilever, que investiram no desenvolvimento de tecnologias e trabalharam junto com os produtores para desenvolver e empregar práticas sustentáveis no cultivo de óleo de palma, soja, cacau e demais *commodities*, o que proporcionou novas técnicas para melhorar o rendimento das colheitas e a produção de sementes e grãos.

Os pesquisadores Dullius, Schaeffer e Viana (2014) realizaram um estudo de caso com uma empresa multinacional para analisar as ações sustentáveis empregadas por sua cadeia de suprimentos. A pesquisa demonstrou que a adoção de práticas sustentáveis tanto pela empresa em si, quanto pelos demais membros da cadeia, geraram vantagens competitivas, como ganho de imagem, redução de risco legal, possibilidade de expandir seu mercado e assegurar uma posição futura.

Benites e Polo (2013) realizaram uma pesquisa para analisar a implementação do *triple bottom line* como estratégia empresarial na empresa Masisa. O estudo aponta que a empresa, ao adotar uma postura sustentável, beneficiou-se com melhorias na imagem, valorização da marca e melhor reputação diante da sociedade. O reconhecimento da empresa, por parte da população como exemplo na área da sustentabilidade, facilita o seu envolvimento com as partes interessadas e estimula todos os envolvidos a continuarem com o trabalho sustentável.

O trabalho realizado por Epelbaum (2004) tem o intuito de averiguar a influência da gestão ambiental no sucesso e na competitividade empresarial. A pesquisa aponta resultados positivos, tangíveis e intangíveis, da gestão ambiental sobre o sucesso empresarial, dentre eles ganhos em eficiência operacional, aumento de receitas e ampliação de mercados, melhor

relacionamento com as partes interessadas e ganhos financeiros proporcionados pela valorização das ações da empresa.

Percebe-se, a partir dos resultados apresentados, os ganhos obtidos pelas empresas que optam por gerenciar conjuntamente as questões ambientais com seus fornecedores, porém, este não é o único estímulo para adoção desta posição. Dietz e Aufferberg (2014) afirmam que as cadeias produtivas agroindustriais são confrontadas, atualmente, por questões sociais e ambientais como a utilização de pesticidas, uso de alimentos geneticamente modificados, utilização excessiva de recursos naturais como a água e o solo, desmatamento, utilização de mão de obra infantil, condições precárias de trabalho, entre outras.

Ainda de acordo com os autores, o Estado não está preparado para acompanhar este novo contexto na produção de alimentos, o que resulta em uma baixa regulação das atividades. Segundo Raynolds, Murray e Heller (2007) o déficit nas regulações estatais e o desenvolvimento da globalização nas últimas décadas influenciaram o surgimento de iniciativas voluntárias, privadas, com certificações e normas fundamentadas nos critérios sociais e ambientais.

As regras e normas de condutas privadas são, em muitos casos, representadas em certificações ou selos que possuem a função de discutir, propor regras e instrumentos que atestem o cumprimento dos padrões estipulados. Geralmente, abordam atributos como: características dos produtos orgânicos, comércio justo, direitos humanos, direitos trabalhistas, entre outros (RODRIGUES, 2013).

De acordo com Donadelli (2011) existem três tipos de processos para a verificação e monitoramento das condutas e padrões estipulados. As certificações de primeira parte, que englobam critérios e verificações realizadas pela própria empresa; as certificações de segunda parte, que possuem o envolvimento de associações empresariais responsáveis pela definição e auditoria dos critérios; e as certificações de terceira parte, realizadas por organizações que não estão vinculados às empresas ou aos produtores, como ONGs.

As certificações de terceira parte são consideradas as mais transparentes, devido à independência da organização que estabelece os critérios sustentáveis a serem seguidos e os avalia. Nas certificações de primeira e segunda parte, interesses particulares podem prevalecer sobre a transparência da iniciativa. Na cadeia produtiva do cacau, as principais certificações de terceira parte, atualmente, são Fairtrade, Rainforest Alliance e Utz Certified. Além dessas, nos últimos anos surgiram várias iniciativas de primeira e segunda parte promovidas pelas multinacionais do setor de chocolate.

4. Metodologia

A amostra de empresas foi definida a partir da lista dos 100 maiores fabricantes de chocolates e doces do mundo, compilada por Scully (2014), tendo sido analisadas as seis maiores: Ferrero, Mars, Meiji Company, Mondelez International, Nestlé e The Hershey Company. O estudo teve foco na identificação de ações e resultados dessas empresas referentes à sustentabilidade da cadeia produtiva do cacau. Mais especificamente, foram analisadas as estratégias e metas para compra de cacau sustentável e ações que beneficiam as comunidades de produtores de cacau.

Foram analisados os relatórios de sustentabilidade das maiores fabricantes de chocolate do mundo, referentes às ações e resultados de um período aproximado. Como o fechamento do ano fiscal de cada companhia é feito em períodos distintos, a análise tomou como base ano fiscal encerrado em 31 de agosto de 2014 (FERRERO, 2015), 31 de dezembro de 2014 (MARS, 2015; NESTLÉ, 2015; MONDELEZ INTERNATIONAL, 2015; THE HERSHEY COMPANY, 2015) e 31 de março de 2015 (MEIJI COMPANY, 2015) e, para obtenção de informações complementares, quando necessário, foram consultados os *web sites* institucionais

e documentos oficiais disponibilizados pelas companhias (NESTLÉ, 2016a; NESTLÉ, 2016b; MARS, 2014; MEIJI HOLDINGS, 2016).

Dessa forma, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, que busca ampliar o conhecimento sobre um assunto específico (GIL, 2007). O procedimento de análise utilizado foi a pesquisa documental, que utiliza documentos “não acadêmicos”, como relatórios corporativos, notícias e web sites (GIL, 2002; OLIVEIRA, 2007).

5. Resultados

Esta seção apresenta as principais informações sobre aquisição de cacau sustentável e ações que beneficiam os produtores, obtidas a partir da análise de fontes institucionais. Os resultados são apresentados individualmente para cada empresa.

5.1 Mars

a) Aquisição de cacau certificado

De todo o cacau adquirido pela Mars no ano fiscal de 2014, 36% foi certificado. A empresa tem como meta a compra de 100% de cacau certificado até 2020. Além disso, o diretor responsável pela sustentabilidade da Mars também é o diretor da *World Cocoa Foundation* (Fundação Mundial do Cacau), que representa 80% do mercado global de cacau e trabalha pela sustentabilidade da cacauicultura.

b) Apoio aos produtores

Em relação ao apoio oferecido aos produtores, a empresa possui o programa *Vision for Change*, responsável por 16 Centros de Desenvolvimento do Cacau (CDCs) e 52 *Cocoa Village Centers* na Costa do Marfim. Nestes locais, os agricultores recebem treinamento para se tornarem mais eficientes. O programa também aborda questões de gênero na Costa do Marfim, oferecendo apoio para as mulheres produtoras de forma que elas consigam gerar maiores receitas para suas famílias. No Brasil, foi criado o Centro Mars para Ciência do Cacau (CMCC), localizado na Bahia, onde são aprimorados e desenvolvidos estudos relacionados ao cacau que beneficiarão os produtores.

5.2 Mondelez

a) Aquisição de cacau certificado

Segundo o relatório de sustentabilidade da empresa, 12% do cacau adquirido no ano fiscal de 2014 foi proveniente de fontes sustentáveis, porém, a empresa não informa a participação de cada certificação neste volume. A companhia também afirma que é a maior compradora de cacau com certificação Fairtrade do mundo e participa da *World Cocoa Foundation*. A Mondelez pretende obter 100% do seu cacau de fontes sustentáveis, mas não estabeleceu um prazo para isso.

b) Apoio aos produtores

A Mondelez é responsável pelo *Cocoa Life*, um projeto com o objetivo de beneficiar 200 mil agricultores, com um investimento total de US\$ 400 milhões até 2020. A iniciativa foi lançada em 2012 e é realizada no Brasil, Costa do Marfim, Gana, Indonésia, Índia e República

Dominicana. O projeto oferece informação e treinamento para os produtores, educação para os jovens das comunidades atendidas e promove uma agricultura ambientalmente correta. Em 2014, 38 mil produtores de 500 comunidades faziam parte do *Cocoa Life*.

5.3 Nestlé

a) Aquisição de cacau certificado

As aquisições de cacau certificado da companhia são feitas por meio do *Nestlé Cocoa Plan*, que é um programa de certificação da própria Nestlé. Em 2014, foram obtidas 91,8 mil toneladas de cacau produzido dentro das normas desse programa e a meta para 2018 é de 175 mil toneladas. Não foi informado um prazo para obtenção de 100% do cacau de fontes sustentáveis.

b) Apoio aos produtores

O *Nestlé Cocoa Plan* é um programa que busca incrementar a renda dos produtores, garantir cacau de alta qualidade para a Nestlé e reduzir problemas como trabalho infantil, desigualdade de gênero e condições sociais precárias. Entre as ações realizadas pelo programa estão o treinamento dos produtores, distribuição de mudas mais resistentes e melhoria do acesso à educação das crianças. Em 2014, mais de 45 mil produtores receberam treinamento e 17 escolas foram reformadas ou construídas.

A Nestlé também atua para que as cooperativas que fornecem o cacau não utilizem trabalho infantil. A meta para 2016 é que 100% das cooperativas disponham de um programa de monitoramento para identificar uso de crianças no trabalho.

5.4 Meiji

a) Aquisição de cacau certificado

A Meiji, apesar de não divulgar a quantidade de cacau certificado que compra, informa que utiliza a certificação *Rainforest Alliance* em parte das suas aquisições. De acordo com o líder em compras sustentáveis da Meiji, uma das maneiras de comercializar cacau de qualidade é comprando cacau certificado. Além disso, ele afirma que para garantir a qualidade, a Meiji tem o hábito de visitar as áreas de produção e verificá-las. As áreas produtivas de Gana, por exemplo, já são visitadas pela empresa há mais de dez anos.

b) Apoio aos produtores

A companhia não informa números, mas oferece treinamento para os produtores, educação para crianças em comunidades rurais e paga um prêmio pelo cacau obtido. A empresa também cava poços nas comunidades e faz doação de móveis para escolas nas regiões produtoras.

5.5 Ferrero

a) Aquisição de Cacau Certificado

No ano fiscal 2013/2014 foram adquiridas 120 mil toneladas de cacau certificado, o que equivale a 40% do total. A meta para o final de 2018 é elevar esse percentual para 75% e chegar

a 100% no final de 2020. A empresa compra cacau com as certificações *UTZ Certified*, *Rainforest Alliance Certified* e *Fairtrade*.

b) Apoio aos produtores

A Ferrero possui um programa para a rastreabilidade do cacau, o que permite identificar de qual propriedade veio cada lote do produto e registrar informações socioeconômicas dos produtores. Segundo a empresa, esses dados ajudam na definição de propostas que atendam aos interesses dos agricultores e das comunidades.

Outra iniciativa de apoio aos cacauicultores é a criação de viveiros para produção de mudas nas comunidades. Com isso, eles não precisarão viajar longas distâncias para conseguí-las e terão uma redução no custo de transporte.

A companhia também desenvolve um projeto para redução do trabalho infantil e aumento da renda de 8,8 mil famílias em Gana, que juntas possuem cerca de 26,4 mil crianças. O “Programa para Eliminação das Piores Formas de Trabalho Infantil no Cacau” é realizado em parceria com a organização Source Trust e com uma iniciativa do governo ganês.

5.6 Hershey

a) Aquisição de Cacau Certificado

Em 2014, 30% do cacau adquirido pela Hershey foi certificado e a meta para 2020 é chegar aos 100%. A empresa compra cacau com os selos *Fairtrade*, *UTZ Certified* e *Rainforest Alliance*.

b) Apoio aos produtores

No seu relatório, a companhia reconhece que as condições nos países africanos são precárias e abrem margem para abusos como o trabalho infantil e o trabalho forçado. A empresa se posiciona contra essas práticas abusivas e estabeleceu no código de conduta dos fornecedores regras que proíbem a sua utilização.

Em 2012, a empresa iniciou o programa *Learn to Grow*, desenvolvido em parceria com a organização *Source Trust*, do Reino Unido, que oferece treinamento aos produtores para que eles possam obter a certificação *UTZ*. O programa começou em Gana e foi expandido para a Nigéria, em 2013, e Costa do Marfim, em 2014. Por meio desta iniciativa, a empresa apoia projetos de água em Gana e pretende distribuir um milhão de mudas de cacau resistente à seca e doenças aos produtores do oeste africano até 2017. Além disso, as metas do programa incluem aumentar a produtividade e a renda dos participantes. Até 2019, espera-se que sejam beneficiados 23 mil produtores em Gana, 19 mil na Costa do Marfim e 20 mil na Nigéria.

Outro projeto relevante é o *Cocoalink*, em que especialistas enviam informações técnicas para os produtores por meio de telefones celulares. Essa iniciativa é desenvolvida em parceria com outras empresas e organizações.

5.7 Cocoa Action

É importante destacar que existe uma iniciativa que engloba empresas de cacau, chocolate, governos e produtores com o objetivo de aumentar a produtividade e fortalecer as comunidades em Gana e Costa do Marfim. As metas para 2020 incluem treinar e disponibilizar plantas mais resistentes e produtivas para 300 mil produtores, promover educação, monitorar o trabalho infantil e criar oportunidades para as mulheres (WORLD COCOA FOUNDATION -

WCF, 2015). Os resultados desse projeto são publicados periodicamente no *web site* da *World Cocoa Foundation*.

Em novembro de 2015 as empresas participantes do *Cocoa Action* eram Barry Callebaut, Blommer, Cargill, ECOM Agrotrade Limited, Ferrero, The Hershey Company, Mars, Mondelez International, Nestlé e Olam (WCF, 2015).

6. Análise dos resultados

A análise das informações obtidas por meio dos documentos institucionais das seis maiores companhias de chocolate do mundo revela que todas elas compram cacau sustentável e todas possuem programas que auxiliam os produtores, principalmente na África.

Com relação aos programas de apoio, a maioria das ações envolve treinamento para o aumento da produtividade e adequação às normas de sustentabilidade, distribuição de plantas mais produtivas e resistentes, construção e reforma de escolas e a identificação e redução dos casos de trabalho infantil. A grande maioria dos programas é desenvolvida em Gana e Costa do Marfim, os dois maiores produtores do mundo. Embora o continente africano concentre uma grande proporção da produção global, trata-se também de uma região com graves problemas econômicos e institucionais. Além de ajudar os produtores, as iniciativas de sustentabilidade também contribuem para garantir o suprimento de cacau das empresas. No entanto, os dados obtidos não oferecem um quadro detalhado das mudanças decorrentes dos programas citados na seção anterior.

Os principais dados sobre a compra de cacau certificado são apresentados no quadro 1. As aquisições das empresas Ferrero, Hershey e Mars estiveram em um patamar próximo em 2014 e todas elas possuem como meta para 2020 a aquisição de 100% do cacau proveniente de certificações sustentáveis. A Mondelez, por sua vez, apresentou um volume de compra inferior e não definiu uma data para alcançar os 100% de cacau certificado, embora seu relatório afirme que esse objetivo será alcançado em algum momento do futuro. A Nestlé informa o volume adquirido, mas sem indicação do percentual que ele representa. A companhia também não informou quando pretende alcançar os 100% de certificação. A Meiji foi a única organização que não forneceu números ou metas e, também, foi a que disponibilizou a menor quantidade de informações relativas à sustentabilidade da cadeia do cacau.

Quadro 1 – Dados sobre a compra de cacau sustentável pelas empresas analisadas em 2014.
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Empresa	Compras de cacau sustentável em 2014	Meta para 2020	Certificações
Ferrero	40%	100%	<i>UTZ Certified, Rainforest Alliance e Fairtrade</i>
Hershey	30%	100%	<i>UTZ Certified, Rainforest Alliance e Fairtrade</i>
Mars	36%	100%	<i>Fairtrade</i>
Meiji	-	-	<i>Rainforest Alliance</i>
Mondelez	12%	-	<i>Fairtrade</i>
Nestlé	91,8 mil ton.	-	<i>Nescafé Cocoa Plan</i>

Quanto às certificações utilizadas, Ferrero e Hershey compram cacau certificado pelas três principais organizações de certificação de produtos agrícolas. Mars, Meiji e Mondelez citam apenas uma organização, cada, em seus relatórios. A Nestlé não informa utilização dessas

certificações no relatório 2014, mas o *web site* institucional da companhia para o Reino Unido fala sobre o uso de cacau certificado *Fairtrade* e *UTZ* em alguns produtos comercializados naquele país em 2013 (NESTLÉ, s.d.). É possível que Mars, Meiji e Mondelez também comprem cacau com outras certificações que não informadas nas fontes consultadas.

Destaca-se que, no caso do cacau, as companhias optaram majoritariamente pela aquisição de amêndoas com certificação de 3ª parte. Na cadeia produtiva do café, por outro lado, as multinacionais dão preferência a certificações de primeira e segunda parte (SILVA et al., 2015). A certificação de terceira parte é importante devido à maior transparência que as organizações certificadoras oferecem ao mercado. As três certificações utilizadas combinam normas ambientais, sociais e econômicas, tal como preconizado pelo *Triple Bottom Line*. Essa característica é importante para garantia da sustentabilidade.

7. Conclusão

Este estudo analisou as ações voltadas para a sustentabilidade na produção de cacau das seis maiores empresas de chocolate do mundo. Mais precisamente, foram analisadas as compras de cacau sustentável e os programas de apoio aos produtores. Os resultados mostraram que as seis empresas compram cacau certificado, investem no treinamento dos produtores e desenvolvem projetos nas comunidades. A demanda por essas ações na cadeia do cacau é grande devido às condições socioeconômicas da maioria dos produtores.

Três das companhias analisadas definiram como meta para 2020 a aquisição de 100% de cacau sustentável. Uma pretende alcançar essa meta em uma data não especificada e outra possui metas de incremento contínuo dos volumes adquiridos, embora também não mencione uma data para alcançar os 100%. Apenas uma empresa não apresentou dados sobre quantidades adquiridas e metas para o futuro.

Os projetos desenvolvidos pelas empresas para oferecer treinamento aos agricultores e as suas ações nas comunidades são importantes, pois, os principais países produtores encontram-se em situações de pobreza e de baixo desenvolvimento. No entanto, pesquisas específicas sobre essas ações poderiam lançar luz sobre os reais impactos na produtividade das lavouras e no aumento do bem estar das comunidades.

A principal limitação desse estudo é se basear apenas nos relatórios das próprias companhias analisadas e outras fontes institucionais. Embora disponibilizem muitas informações úteis, elas são limitadas e não é possível obter aprofundamento em alguns tópicos. Estudos futuros, realizados com a utilização de entrevistas e/ou questionários junto a representantes das empresas, produtores e outros envolvidos poderão complementar o quadro delineado com este trabalho.

8. Referências Bibliográficas

AMAZONAS, M. C. **Economia Ambiental Neoclássica e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: IBAMA/CEBRAP, s/d.

ARAÚJO, G. C. et al. Sustentabilidade Empresarial: conceitos e indicadores. In: CONGRESSO BRASILEIRO VIRTUAL DE ADMINISTRAÇÃO, 3, 2006. Disponível em: http://www.convibra.com.br/2006/artigos/61_pdf.pdf. Acesso em: 15 de fev. 2016.

BARBOSA, G. S. O Desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**. 4ª Edição, Nº4, Volume 1 - Jan/Jun 2008. Disponível em: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Developolvimento_Sustentavel_Gis_ele.pdf. Acesso em: 16 de fev. 2016.

BELLEN, H. M. V. Indicadores de sustentabilidade: um levantamento dos principais sistemas de avaliação. **Cadernos EBAPE.BR**, 1, Vol. II, Março 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v2n1/v2n1a02.pdf>. Acesso em: 11 de fev. 2016.

BENITES, L. L. L., POLO, E. F. A Sustentabilidade como Ferramenta Estratégica Empresarial: Governança Corporativa e Aplicação do Triple Bottom Line na Masisa. **Rev. Adm. UFSM**, v. 6, edição especial, p. 195-2010, 2013.

BRUNTLAND, G. H. (editor). **Our Common Future: The World Commission on Environment and Development**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

CASEY, A. M., CAWTHORNE, J. E., DELONG, K., HEROLD, I. M., LIM, A. (2014). The Triple Bottom Line: Portable Applications and Best Practices for Sustainability in Academic Libraries. **Focus on Educating for Sustainability: Toolkit for Academic Libraries**. Disponível em: <http://commons.erau.edu/hunt-library-staff-works/8>. Acesso em: 16 de fev. 2016.

DIETZ, T., AUFFENBERG, J. The Efficacy of Private Voluntary Certification Schemes: A Governance Costs Approach, **Zentra Working Papers in Transnational Studies**, n.39, 2014.

DONADELLI, F. L. M. A Importância da Governança Privada para a Elevação de Padrões de Proteção Ambiental: um estudo de caso. 62p. **Dissertação**. Universidade de São Paulo. Instituto de Relações Internacionais. São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-13012012-102355/en.php>. Acesso em: 24 fev 2016.

DULLIUS, A. C. , SCHAEFFER, P. R. , VIANA, C. L. . Práticas de Gestão Sustentável na Cadeia de Suprimentos de uma Indústria da Transformação. In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, 2014, São Paulo. **Anais do XVI Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, 2014**.

EPELBAUM, M. A Influência da Gestão Ambiental na Competitividade e no Sucesso Empresarial. 190p. **Dissertação**. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Departamento de Engenharia da Produção. São Paulo, 2004.

FAOSTAT. **Production**. Disponível em < http://faostat3.fao.org/browse/Q/*/E>. Acesso em: 19 fev 2016.

FERRERO. **Sharing Values to Create Value: Corporate Social Responsibility – Report 2014**. 2015. Disponível em < <http://www.static.ferrero.com/globalcms/documenti/2163.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2016.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. **São Paulo**, v. 5, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOBBSAWN, E. **A Era dos Extremos: O breve século 1914 – 1991**. 2º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Production of cocoa beans**. 2015. Disponível em < http://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/46-statistics-production.html>. Acesso em 19 fev. 2016.

INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Sustainable Cocoa Economy**: a comprehensive and participatory approach. 2007. Disponível em < http://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/32-consultative-board-on-the-world-cocoa-economy.html>. Acesso em 19 fev. 2016.

JAMALI, D. Insights into triple bottom line integration from a learning organization perspective. **Business Process Management**, v.12, n.6, p.809-821, 2006.

KPMG. **Cocoa Certification**: Study on the costs, advantages and disadvantages of cocoa certification commissioned by The International Cocoa Organization (ICCO). 2012. Disponível em < http://www.icco.org/about-us/international-cocoa-agreements/cat_view/30-related-documents/37-fair-trade-organic-cocoa.html>. Acesso em 19 fev. 2016.

LACERDA, C. S.; CÂNDIDO, G. A. Modelos de indicadores de sustentabilidade para gestão de recursos hídricos. In: LIRA, W. S.; CÂNDIDO, G. A., orgs. **Gestão sustentável dos recursos naturais**: uma abordagem participativa. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 13-30. Disponível em < [http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Gesta%CC%83o%20Sustenta%CC%81vel_Final%20\(12_03_14\).pdf](http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Gesta%CC%83o%20Sustenta%CC%81vel_Final%20(12_03_14).pdf)>. Acesso em: 04 mar. 2016.

MARS. **Mars Chocolate Gender Action Plan in Vision for Change Program (V4C) Côte d'Ivoire**. 2014. Disponível em < <http://cocoasustainability.com/wp-content/uploads/2014/06/Mars-Action-Plan-to-Address-Gender-Issues-within-V4C-FINAL-06-27-14-.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2016.

MARS. **Principles in Action**: Summary 2014. 2015. Disponível em < http://www.mars.com/global/assets/doc/pia_exec_2014/Mars_Principles_in_Action_Summary_2014_EN.pdf>. Acesso em 04 mar. 2016.

MEADOWS, D. H., MEADOWS, D.L., RANDERS, J., BEHRENS III, W. W. **The Limits to Growth**. New York: Universe Books, 1972.

MEIJI HOLDINGS. **2014 Annual Report**. 2015. Disponível em < http://www.meiji.com/global/investors/results-and-presentations/annual-reports/pdf/2014/annual-reports_2014_en_all_print.pdf>. Acesso em 04 mar. 2016.

MEIJI HOLDINGS. **Featured**: Sustainable Cocoa Farming. 2016. Disponível em < <http://www.meiji.com/global/sustainability/sustainable-cocoa-farming/>>. Acesso em 04 mar. 2016.

MONDELEZ INTERNATIONAL. **The Call for Well-Being**: 2014 Progress Report. 2015. Disponível em < <http://www.mondelezinternational.com/~media/MondelezCorporate/uploads/downloads/CFWB2014ProgressReport.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2016.

NESTLÉ. **Child Labour**. 2016a. Disponível em < <http://www.nestle.com/csv/human-rights-compliance/child-labour>>. Acesso em 04 mar. 2016.

NESTLÉ. **Nestlé Cocoa Plan**. 2016b. Disponível em < <http://www.nestle.com/csv/rural-development-responsible-sourcing/nestle-cocoa-plan>>. Acesso em 04 mar. 2016.

NESTLÉ. **Nestlé in Society**: Creating Shared Value and meeting our commitments 2014. 2015. Disponível em < <https://www.nestle.com/asset->

[library/documents/library/documents/corporate_social_responsibility/nestle-in-society-summary-report-2014-en.pdf](#)>. Acesso em 04 mar. 2016.

NESTLÉ. **The Nestlé Cocoa Plan**. S.d. Disponível em < http://www.nestle.co.uk/csv2013/socialimpact/responsible_sourcing/nestlecocoaplan>. Acesso em 02 abr. 2016.

NIDOMULU, R., PRAHALAD, C. K., RANGASWAMI, M. R. Why Sustainability Is Now the Key Driver of Innovation. **Havard Business Review**, v. 87, n. 9, p. 27-34, set. 2009.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RAYNOLDS, L. T., MURRAY, D., HELLER, A. Regulating sustainability in the coffee sector: A comparative analysis of third-party environmental and social certification initiatives. **Agriculture and Human Values**, v.24, n.2, p.147-163, 2007.

ROBINSON, S. K. Survival Issues: practical steps towards corporate environmental sustainability. **Corporate Environmental Strategy**, v.7, n.1, p.92-105, 2000.

RODRIGUES, P. C. S. Governança e Regulação Transnacional Privada: Os Limites do Sistema Agroindustrial da Soja. 134p. **Dissertação**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Ciência Política. São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02072014-114024/pt-br.php>. Acesso em: 24 fev 2016.

SCULLY, C. Z. **2014 Global Top 100: Candy Industry's exclusive list of the Top 100 confectionery companies in the world!** 2014. Disponível em < <http://www.candyindustry.com/articles/86039-global-top-100-candy-industrys-exclusive-list-of-the-top-100-confectionery-companies-in-the-world?page=5>>. Acesso em 10 fev. 2016.

SEURING, S., MÜLLER, M. From a literature review to a conceptual framework for sustainable supply chain management. **Journal of Cleaner Production**, v. 16, n. 15, p. 1699-1710, out. 2008.

SEURING, S., SARKIS, J., MÜLLER, M., RAO, P. Sustainability and supply chain management - An introduction to the special issue. **Journal of Cleaner Production**, v. 16, n. 15, p. 1545-1551, out. 2008.

SILVA, E. C. et al. Governança privada e sustentabilidade na indústria do café. In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, XVII, 2015, São Paulo. **Anais do XVII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente**.

THE HERSHEY COMPANY. **2014 Corporate Social Responsibility Report**. 2015. Disponível em < <http://www.thehersheycompany.com/social-responsibility/shared-goodness/pdfs/Hershey2014CSRReport.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2016.

TULANE UNIVERSITY. **Final Report 2013/2014: Survey Research on Child Labor in West African Cocoa Growing Areas**. Disponível em < http://makechocolatefair.org/sites/makechocolatefair.org/files/newsimages/tulane_university_-_survey_research_on_child_labor_in_the_cocoa_sector_-_30_july_2015.pdf> Acesso em 19 fev. 2016.

WORLD COCOA FOUNDATION. **Cocoa Action Progress Report**: November 2015. Disponível em < <http://www.worldcocoafoundation.org/wp-content/uploads/CocoaAction-Progress-Report-Collaboration-November-2015-ENGLISH.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2016.

YOUNG, A.; YOUNG, K. Sustainable Supply Network Management. **Corporate Environmental Strategy**, v. 8, n. 3, p. 260-268, 2001.